

A PEDRA E O VENTO EM *JOÃO TERNURA*: UM ESTUDO DO ROMANCE DE ANÍBAL MACHADO¹

Amanda Gomes de Oliveira²
Marcos Vinícius Teixeira³

RESUMO: No ano de 1965 nascia para a literatura brasileira uma obra esperada há mais de quatro décadas, João Ternura, publicação póstuma do escritor mineiro Aníbal Monteiro Machado. Além da presença de elementos autobiográficos em sua narrativa, questão já abordada pela crítica literária, os elementos constitutivos do espaço no romance merecem atenção especial. Destaca-se, nesse sentido, uma relação significativa do protagonista com os elementos naturais da pedra e do vento. O objetivo desta comunicação é analisar a relação do protagonista, João Ternura, com o vento, que na narrativa surge nos momentos mais importantes, e com a pedra, que o personagem carrega consigo até o desfecho da história. Para a análise proposta, consideramos os estudos e textos críticos já publicados sobre a obra.

PALAVRAS-CHAVE: Aníbal Machado; João Ternura; pedra; vento.

A proposta desta comunicação é realizar uma análise dos elementos da natureza, pedra e vento, na obra *João Ternura* do escritor Aníbal Machado, partindo da observação de uma relação singular entre o personagem e esses elementos na obra. Para essa análise recorremos a pesquisadores da obra do autor, além de críticos literários.

No universo literário de Aníbal Machado, *João Ternura*, seu único romance, ficou conhecido antes mesmo de ser publicado. Trata-se, assim, de obra que sobreviveu na intimidade de seu autor e de seus amigos mais próximos, despertando a curiosidade da crítica literária. Otto Maria Carpeaux, por exemplo, em “Presença de Aníbal” relata do seguinte modo a sua descoberta do romance: “Quando conheci Aníbal — parece-me que foi em 1941 — me diziam os amigos: — contos são ótimos, muita outra coisa ótima está escondida nas gavetas, mas Aníbal ainda não tem dado toda a medida do seu talento; espere o *João Ternura*.” (CARPEAUX, 1965, p.xlii). Nota-se aí a relevância das obras do autor e o interesse que *João Ternura* despertava em muitos dos importantes escritores da época, que lamentavelmente quando tiveram a possibilidade de ter em mãos a obra na íntegra, perdem o grande amigo como podemos ler a seguir: “Nossa satisfação e alegria apenas ficam dolorosamente amarguradas por tratar-se de obra póstuma: ganhamos o *João Ternura* e perdemos Aníbal Machado.” (CARPEAUX, 1965, p. xliii).

¹ Esta comunicação é resultado parcial de uma pesquisa de Iniciação Científica - Modalidade Avançada intitulada *João Ternura e os elementos da natureza: um estudo do romance de Aníbal Machado*, que se encontra em desenvolvimento.

² Acadêmica do 2º ano de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Unidade Universitária de Jardim-MS.

³ Professor do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Jardim-MS / FUNDECT.

João Ternura foi publicado em 1965 postumamente, após mais de quatro décadas⁴ de gestação. Sua organização ficou sob a responsabilidade do poeta Carlos Drummond de Andrade. Renard Perez escreveu para a primeira edição do romance o texto intitulado “Aníbal Machado: vida e obra”. Neste, o escritor aborda a forma como conheceu o autor e seu, ainda em desenvolvimento, *João Ternura*. Em alguns trechos podemos notar como Perez, logo de início, se interessa pelo romance:

Afeição antecipada, de minha parte, e motivada na grande admiração pela sua obra, pela aura em torno de sua figura — e que me levou a querer conhecê-lo; e que logo teve correspondência numa enorme prova de consideração que um homem como Aníbal poderia dar: concedeu em ler trechos de seu *João Ternura*, então já ‘definitivamente’ engavetado, e em torno do qual fizera cair, voluntariamente, uma zona de silêncio. (PEREZ, 1965, p. xv).

Marcos Vinícius Teixeira, em sua tese de doutorado intitulada *Aníbal Machado: Um escritor em preparativos* analisa toda a obra do escritor e afirma que “Se *João Ternura* fosse publicado na primeira fase do Modernismo Brasileiro, de fato poderia ter se tornado um livro mais conhecido e dado maior fama a seu autor.” (TEIXEIRA, 2011, p.9). De acordo com Teixeira, Aníbal por ter sua obra publicada com grande atraso acaba sendo menos lido e menos estudado que outros autores da mesma época como Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Teixeira ainda analisa a trajetória das publicações de Aníbal e afirma que “Trata-se de um autor marcado pelo espírito crítico, sempre preocupado ‘em fazer’ melhor, que interrompia a escrita de seus livros, reescrevia, engavetava e às vezes deixava o texto inconcluso. [...] Sua obra é seu laboratório.” (TEIXEIRA, 2011, p.17). Em outro momento de sua tese, alega que “*João Ternura* é o livro em que Aníbal Machado mais explorou a arte inacabada.” (TEIXEIRA, 2011, p. 230).

Esse ato de engavetar e retomar a escrita de *João Ternura* fez com que muito do que o autor viveu durante esse período se refletisse na obra. Renard Perez ao analisar o romance relacionando à vida do autor encontrou semelhanças entre as histórias como podemos notar na seguinte citação:

Em *João Ternura*, procuraria o escritor transmitir essa intensidade com que lhe chegaram as primeiras revelações. E, fixando reminiscências, captará bem a maneira como sentia as figuras dos familiares e, sobretudo, essa compreensão com que o menino absorvia os elementos da paisagem, onde a própria matéria

⁴ Em sua dissertação de mestrado, Marcos Vinícius Teixeira discorda da data de 1926, até então adotada pela maioria dos críticos, e argumenta que a gênese de *João Ternura* se dera anos antes, talvez em 1919. Cf. TEIXEIRA, 2005, p. 10-11.

inanimada adquiria uma dimensão nova, características humanas. [...]. (PEREZ, 1965, p.xxiii)

A relação entre o personagem e os elementos da natureza em *João Ternura* é significativa. O menino absorve esses elementos. A pedra é como se fizesse parte dele e o vento como que o acompanha em todos os momentos marcantes de sua vida. O narrador relata o cotidiano do personagem, fazendo com que o leitor se atente a cada detalhe, destacando os momentos em que a natureza age no ambiente e como influencia a vida do menino desde o nascimento.

Em 1984 Maria Augusta Bernardes Fonseca em sua tese de doutoramento em literatura brasileira intitulada *Vento, gesto, movimento - A poética de Aníbal M. Machado* analisou alguns contos e a obra *João Ternura*. Na introdução de sua tese, afirma:

Sua temática [de Aníbal] se vincula às relações do homem com a cidade grande, centrando-se em personagens saídas do interior, dos vilarejos, do campo, dos bairros periféricos. A vida urbana é apresentada com enfoque no cotidiano. O universalismo e os problemas oriundos do progresso da cidade grande são talvez heranças que lhe ficaram do modernismo. (FONSECA, 1984, p.2)

Pode-se observar que Maria Augusta observou esse traço característico de Aníbal em transitar seus personagens do interior para a cidade grande como ocorre com João Ternura, o personagem central da obra homônima. Maria Augusta ainda aborda em seu estudo um dos elementos importantes para o desenvolvimento dessa análise que é o vento como podemos notar a seguir:

Em Aníbal Machado o percurso do vento, sua atuação sobre a natureza e a imitação deste movimento, conseguido pelo gesto humano, trançam fios diversificados que se deslocam nos caminhos particulares de cada narrativa, de cada texto poético, mas que sem dúvida são linhas de um único desenho (FONSECA, 1984, p.51).

Assim, pode-se notar, de acordo com Maria Augusta, que Aníbal utilizava o vento com objetivo de trazer o movimento da natureza em momentos que são essenciais na narrativa e na vida do menino. Nos instantes em que o vento e a pedra aparecem é notável a relação metafórica ligada ao protagonista como afirma a autora da tese:

Os gestos, juntamente com os movimentos da natureza, provêm, no artista da perseguição quase obsessiva da mobilidade: o vento, o meneio das bananeiras, a dança das personagens e de objetos personificados [...] a metamorfose menino-vento e a própria construção que dissolve o ritmo uniforme da narrativa. (FONSECA, 1984, p.13).

Em entrevista, Lúcia Machado de Almeida, por sua vez, afirma para Maria Augusta que o vento era uma obsessão nas obras do autor: “Acho que é uma obsessão poética. Porque o vento é uma coisa poética, sem dúvida. E ele era sensível a esse elemento.” (FONSECA, 1984, p.171)

Ao analisarmos a obra *João Ternura* podemos observar que é dividida em quatro livros. No primeiro livro é relatada a infância do protagonista João Ternura. É nesse momento da narrativa que a pedra e o vento surgem, sutilmente, de início, porém já se associando ao personagem principal da obra. Liberata, a mãe de João Ternura, em certo momento está às margens de um rio com uma amiga, uma curiosa personagem chamada Dona Maria, que aterroriza a gestante com especulações a respeito de como seria a aparência do bebê ou de como ele poderia não ser saudável. Nesse momento Liberata está sentindo as primeiras dores do parto e “ouviam-se o barulho sedoso dos bambuais” (MACHADO, 1965, p.7), ou seja, nota-se aí já uma presença leve do vento. No decorrer da narrativa as especulações de Dona Maria tornam-se insuportáveis para Liberata, que, apavorada, exclama: “— Para, Dona Maria, para! Calaram as duas. Cessou o canto das lavadeiras. Só a fonte prosseguiu no seu rumorejo. Os olhos de Liberata umedeceram-se. Por fim, uma onda de exaltação reanimou-a. Ergueu-se da pedra lisa”. (MACHADO, 1965, p.8). Nesse momento a pedra aparece como que fazendo às vezes de suporte para essa mãe, que ao se levantar passa a sentir que as dores do parto aumentam e a intensidade do vento na narrativa passa a aumentar também como podemos observar na seguinte citação: “O vento agitava os cabelos de Liberata” (MACHADO, 1965, p. 9).

Helena Weiz Salles, em sua dissertação de mestrado em teoria da literatura comparada intitulada *João Ternura Testemunho das contradições de um projeto modernista*, realiza uma análise “do ponto de vista das contradições entre os projetos ideológicos do primeiro modernismo e os problemas trazidos pelo processo histórico nacional.” (SALLES, 2006, p. 2). Abordando também outras questões, Salles menciona a relação entre um dos elementos da natureza que muito interessa a este estudo: o vento. Em determinada parte, a autora afirma:

O silêncio das lavadeiras indica o fim do dia de trabalho. Logo elas se aproximam recolhendo o linho. O vento, que antes se ouvia sedoso nos bambuais, agora agita os cabelos de Liberata, os bois vão sendo reunidos e as sombras começam a percorrer a várzea. Nesse fim de tarde, ao pavor supersticioso da cena inicial se sobrepõe a harmonia mítica, em que os fenômenos internos da gestante encontram correspondência nos fenômenos naturais. Liberata volta para casa em trabalho de parto. (SALLES, 2006, p.24)

Podemos observar a relação entre a velocidade do movimento do vento e o aumento das dores de Liberata no momento em que afirma para Dona Maria: “— De muito longe ele [João Ternura] vem vindo... Como este rio, como este vento... Ninguém sabe de onde vem esse vento, Dona Maria.” (MACHADO, 1965, p.9). A pedra tem participação fundamental nesse momento também como podemos notar na seguinte citação: “[Liberata] Foi se encaminhando para o mistério, em direção ao quarto. Ouvia o rumor da fonte, de mistura com o barulho das águas do próprio corpo. As dores de seu ventre distribuíam-se pelas raízes das árvores, pelas pedras...” (MACHADO, 1965, p.9). Neste momento ocorre uma ligação entre a dor que Liberata estava sentindo e a pedra, como que se Liberata dividisse com essa pedra a sua dor.

No decorrer da narrativa as horas passam e João Ternura demora a nascer⁵. Então nesse momento de expectativa em torno do nascimento do menino, o vento novamente surge como que influenciando o ambiente e o tornando propício ao parto quando “Uma janela abriu-se deixando soltar gemidos, e como o vento a forçasse facilitando a entrada do luar, Nossa Senhora do Bom Parto ficou sem o clarão das velas” (MACHADO, 1965, p. 11). E em seguida nasce o menino João Ternura “finalmente, mirrado, peludo e indignado da vida”.

Encontramos, nesta parte do romance, um texto de forte dimensão modernista chamado “Embolada do crescimento”. Neste, a passagem do tempo é narrada sem vírgulas, mostrando, ao mesmo tempo, o cotidiano da família que cuidava e dava subsídios para que o menino crescesse bem e saudável dando a sensação através da leitura ininterrupta que nos remete como o tempo passa sem pausas e as coisas acontecem rotineiramente.

A pedra reaparece na narrativa quando João Ternura já crescido acorda, abre a porta e vai em direção ao rio, pois afirma ouvir a voz de uma pedra que o chama, como podemos notar na seguinte citação:

Desceu à praia, viu ao longe uma pedra ‘Desconfio que ela está me chamando’, Correu até lá, apanhou-a, molhada, fresquinha, quase carnal. Parecia que acabara de nascer. Apertou-a contra o peito, sentiu-lhe a consistência húmida [...] Teria vindo [a pedra] de longe, no tempo e no espaço [...] Segurou-a com fervor e a pôs no bolso. Subiu correndo. Sentiu que ela transmitia ao corpo os estremecimentos de uma matéria milenar [...] Era uma pedra de uma presença que transcendia sua aparência de pedra. (MACHADO, 1965, p. 51)

⁵ Podemos associar essa demora no nascimento do personagem com a demora do autor em publicar esta obra. Em um trecho podemos observar que “Esperado para as cinco da tarde, até às onze da noite Ternura ainda não tinha nascido” Cf. MACHADO, 1965, p. 10.

Podemos observar que o encontro apaixonante do menino com a pedra, que ele carregará consigo pelo resto de sua vida, nos permite defini-la agora não mais como mera substância da natureza, mas como um elemento intrinsecamente ligado ao personagem. Essa pedra, que com sua matéria sólida passa pelo tempo além dos outros elementos e resiste a todas as manifestações da natureza, é, para o personagem que tanto a estima, uma metáfora de seu coração.

Helena Weisz Salles faz uma comparação entre João Ternura e Macunaíma, personagens protagonistas das obras de mesmo nome de Aníbal Machado e Mário de Andrade, que têm um elemento marcante em comum: a pedra. Em sua análise Salles menciona essa aproximação entre Macunaíma e João Ternura com o elemento pedra e faz uma observação a respeito dos momentos em que a pedra se torna importante e depois dos momentos em que deixa de ser fundamental para ambos.

Quando Macunaíma formula o seu “não vim no mundo para ser pedra” final e sai de cena também sem morrer, há uma recusa do herói em se identificar com o mundo da mercadoria. Na obra de Aníbal Machado a pedra também muda de figura no último livro, passando de “mensagem de antigas eras geológicas” a símbolo de seu coração e por fim a objeto inútil destituído de sentido. Se a pedra do livro I pulsava cheia de vida, como deveria ser o coração do protagonista infantil, o coração que ele oferece a Luisinha já é um coração enrijecido, mineralizado. [...] (SALLES, 2006, p. 92)

Em 2005, Marcos Vinícius Teixeira, em sua dissertação de mestrado em letras intitulada *João Ternura: Romance de uma vida* fez uma relação que também aponta para a pedra, Teixeira afirma que “Um elemento importante do livro consiste em uma pedra que metaforiza o coração e a vida de João Ternura. Encontrada no rio da chácara paterna, essa pedra acompanha o personagem desde a infância.” (TEIXEIRA, 2005, p.87). Em *João Ternura* o protagonista absorve a pedra como parte de si. O narrador afirma que “Sem mais nem menos, no meio da conversa, entrava numa pedra, transformava-se nela. Muitos então pensavam que estava aborrecido ou triste. Não: Estava numa pedra.” (MACHADO, 1965, p. 134). A significação dessa pedra na vida de João Ternura se inicia como ponto de partida para uma vida que se apresentava ao menino como que o encorajando a seguir o caminho que ele tanto desejava, porém, ao crescer e conhecer o mundo, o personagem que antes tinha um deslumbramento com a cidade grande em que tudo acontece e onde o mundo gira como o vento, percebe que o que antes era sólido, imbatível, agora já não pode mais conter a ação da realidade em sua vida.

Ao observarmos o período em que João Ternura passa no Rio de Janeiro, onde vive como vagabundo, decepciona-se e sofre de amores, notamos que o vento sempre está presente, principalmente nos momentos mais tensos da vida do personagem, tanto para denotar e/ou ampliar o sentido de sofrimento que ele passa nas adversidades que enfrenta. Quando observa um prédio arranha-céu, por exemplo, pergunta: “Ó vento, teria sido você o drástico do edifício?” (MACHADO, 1965, p.72). Em seguida afirma: “Se vier vento mais forte, ele vai se desprender e começará a voar”. Assim nota-se que por mais admirado que João Ternura esteja com a grandiosidade do prédio, para ele, o vento sempre terá mais poder.

No decorrer da narrativa o personagem, que já teve de enfrentar situações que ainda não estava apto a encarar, afirma: “Eu queria ser que nem um gigante para poder fazer tudo sem esforço, vencer os obstáculos, esmagar os estúpidos. Mas assim como sou, como é que posso?” (MACHADO, 1965, p.79). Em seguida João Ternura afirma que gostaria de ter uns setenta quilos “... para suportar a pressão do mundo em meu peito, receber a ventania sem perder o equilíbrio...” (MACHADO, 1965, p.79). A ventania aqui pode ser interpretada como as adversidades desse novo mundo, que já não tem mais a paz e a tranquilidade do interior.

Outro episódio significativo ocorre quando, por conta de um beijo dado em uma moça menor, Ternura é levado preso. Na delegacia após enfrentar muita burocracia de assinatura de papéis para responder pelo ato considerado obsceno notou que “Pontas de cigarro no corredor se levantaram em renovada atrás dele. Tinha quase certeza de que eram movidas por intenção maligna, não pelo vento.” (MACHADO, 1965, p.92). O vento, para ele, era sempre um aliado como no caso com Marilene, mulher por quem ele se apaixona, mas que de repente desaparece e que em um momento o faz lamentar: “Ah, Marilenezinha, nem que seja pelo ar, pelo vento, ou por telepatia! Dá um sinal, diz onde estás... e se ainda me amas!” (MACHADO, 1965, p.134).

E, entre tantos amores, como o de Rita, que arrebatou-lhe o coração, João Ternura sentirá um amor profundo por Luisinha, a quem dá seu bem mais estimado, sua pedra. Vejamos o excerto no qual o protagonista conversa com sua amada:

Uma vez, Luisinha, eu era menino, acordei de madrugada, corri à praia, e vi uma pedra. Ela parecia me chamar de longe. Eu me aproximei pra apanhá-la. Devia estar rolando há séculos no leito do rio. Eu acho que ela se escondia dos outros, e se enterrava na areia toda vez que alguém a via ou que a correnteza ameaçava levá-la. Era uma coisa viva, diferente. Só faltava falar. Eu tinha certeza de que essa pedra me esperava. Toda a vida me fez companhia. E está

aqui comigo. Eu a trouxe para você, Luisinha. Fique com ela pra sempre. É como se fosse o meu coração. (MACHADO, 1965, p.200)

Em 2009, Márcia Azevedo Coelho, em sua tese de doutoramento em literatura brasileira intitulada *Entre a pedra e o vento: uma análise dos contos de Aníbal Machado*, analisou os elementos da natureza em relação aos personagens dos contos de Aníbal, o que mostra a utilização desses elementos pelo autor em outros gêneros literários. Márcia afirma que:

É conhecida a aproximação mítica entre a pedra e a alma, desde a lenda de Prometeu; ‘existe entre a alma e a pedra uma relação estreita’. Estranhamente, o penoso caminho do autoconhecimento percorrido por José Maria, não altera seu modo de ver as coisas. Fixo e duro como a pedra na qual se encontra o aposentado não se modifica. No conto, essa ausência de movimento interior é indicada pelo próprio pensamento do funcionário ao estranhar a ausência de vento em um lugar denominado ‘Riacho do vento’: ‘Estranhava o ar parado numa serra que trazia o nome de Riacho do vento’. O vento, que, simbolicamente representa movimento, mudança, indicio de energia, ali está ausente. (COELHO, 2009, p.176).

Pode-se notar que o vento é um elemento que se faz presente na vida dos personagens de Aníbal Machado não apenas em *João Ternura* como nos vários contos em que esse elemento, assim como a pedra, aparecem. A pedra e o vento, um se relacionando com a alma, outro com o movimento, são também no romance do autor com grande intensidade de sentimento, poesia, e, carregados de intenções, trazendo o insólito e o imaginário tornando a obra ainda mais interessante.

De acordo com Marcos Teixeira, em sua tese, há uma dualidade presente na obra que transparece nos elementos da natureza. O autor afirma que “Outra dualidade está no fato de a pedra ser retirada da água, somando-se assim dois elementos díspares. Água e terra se contrapõem, por outro lado, como início e fim.” (TEIXEIRA, 2011, p.247). E é assim que a obra se encerra, com a presença do vento e da pedra nos momentos finais da narrativa e com relação intrinsecamente ligada ao personagem central, João Ternura, como podemos notar quando o narrador afirma que:

O mundo mudava, e a Ternura não interessava mais viver depois que tudo ficara diferente. [...] Haviãam desaparecidos os pontos de referência.[...] À janela dos apartamentos, mulheres velhas e homens aposentados se imobilizam. *O vento cessa*. [...] De repente seus olhos deixam de avistar os últimos sinais da terra. E ele segue para o nada, levando saudades deste mundo. Assim termina o sonho de sua vida. (MACHADO, 1965, p.224. grifo nosso.)

Assim como o vento esteve presente no nascimento do personagem auxiliando no parto, o vento aparece também no momento em que esse personagem deixa de existir. O

vento cessa e uma vida se interrompe. Podemos observar a relação entre a pedra e João Ternura, relação esta tão intrínseca que a pedra que ele encontrou no rio anos mais jovem e dera a Luisinha torna a aparecer na narrativa como podemos observar a seguir nos textos finais do livro:

NUMA CASA DE SUBÚRBIO, a moça de nome Joanita, neta de Luísa, casada com um mecânico do aeroporto, encontra no porão uma caixa com os guardados da avó. Fios apodrecidos, rendas, vidros vazios, papéis amarelados. No fundo, envolta em papel de seda, uma pedra. Lisa, negra, um risco marrom atravessando-a de lado a lado.
Para que, aquilo? Guardado em papel de seda, por quê?
A moça atira a pedra pela janela. E a pedra, caindo na encosta de uma colina, voltou à terra.
Nesse instante, Ternura desapareceu definitivamente.
Sem nada, sem ninguém que o lembrasse, era como se nunca tivesse existido.
(MACHADO, 1965, p.224)

Essa relação intrínseca entre a pedra e o personagem é corroborada no encerramento da narrativa, com o desaparecimento de ambos. João Ternura deixa de existir assim que a pedra, que ele considerava como seu coração, é jogada fora. A relação metafórica entre a pedra e o coração do personagem, a corporificação deste elemento, o vento enfatizando a cena final no momento em que cessa, ou seja, a partir daí o vento não movimentava mais, não impulsionava mais o personagem, não há mais o que estimular, João Ternura e sua pedra já não existem mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARPEAUX, Otto Maria. Presença de Aníbal. In: João Ternura. 3. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1978, p.xiii-xxii.

COELHO, Márcia Azevedo. *Entre a pedra e o vento: uma análise dos contos de Aníbal Machado*. 2009. Tese (Doutoramento em literatura brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FONSECA, Maria Augusta Bernardes. *Vento, gesto, movimento A poética de Aníbal M. Machado*. 1984. Tese (Doutoramento em teoria literária) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

MACHADO, Aníbal. *João Ternura*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965.

PEREZ, Renard. Aníbal Machado: vida e obra. In: *João Ternura*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965, xv-xxxv.

SALLES, Helena Weisz. *João Ternura: Testemunho das contradições de um projeto modernista*. 2006. Dissertação (Mestrado em teoria literária e literatura comparada) – Universidade de São Paulo, 2006.

TEIXEIRA, Marcos Vinícius. *Aníbal Machado: um escritor em preparativos*. 2011. Tese (Doutoramento em literatura brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TEIXEIRA, Marcos Vinícius. *João Ternura: romance de uma vida*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.